

O "ROMANTISMO", O "ENCICLOPEDIISMO" E O "CRITICISMO" MANIFESTOS NO MAGISTÉRIO DA FILOSOFIA, NO ENSINO MÉDIO, EM UBERLÂNDIA

*Sérgio Pereira da Silva**

Resumo: Este artigo é fruto de uma pesquisa sobre o magistério da Filosofia, no Ensino Médio, em Uberlândia. Revela metodologias espontaneístas e conteudistas, no bojo das concepções aqui denominadas de "romântica", "enciclopédica" e "crítica".

Abstract: This article is product of a research about the teaching of Philosophy, at high school, in Uberlândia. It tries to show some methodologies, associated to conceptions called here "romantic", "encyclopaedic" and "critic".

O presente artigo objetiva relatar os resultados de uma pesquisa feita em algumas escolas da rede estadual, em Uberlândia, nos anos de 1992 e 1993. Este empreendimento justificou-se como tentativa de constatar a eventual incidência de um impasse na definição de conteúdo temático para o ensino da Filosofia no Ensino Médio.

Face ao número de escolas que oferecem a Filosofia, no Ensino Médio, em Uberlândia (dezoito escolas em 1993), e os vários detalhes e atividades observados no trabalho de campo, optou-se por apenas cinco escolas.

As cinco escolas escolhidas foram: E.E. de Uberlândia; E.E. Prof. José Inácio de Sousa; E.E. Inácio Paes Leme; E.E. Guiomar de Freitas Costa e E.E. Segismundo Pereira.

As duas primeiras localizam-se no centro urbano, onde predomina, no

* Professor de Filosofia da Educação e Coordenador do Curso de Pedagogia do Campus Avançado de Catalão-UFG / Professor de Filosofia da Ciência das Faculdades Integradas do Triângulo - FIT, Uberlândia, MG.

turno da manhã, uma clientela de "classe média". Já no turno da noite, os alunos são na sua maioria trabalhadores. As três últimas escolas localizam-se em bairros cujos alunos são na sua maioria trabalhadores, em todos os turnos.

Portanto, na escolha das cinco escolas, observou-se o critério da representatividade, no que diz respeito à clientela assistida e às condições de trabalho.

O levantamento feito em março de 93, na 26ª Delegacia Regional de Ensino, em Uberlândia, a respeito da implementação da Filosofia, nas escolas da rede estadual uberlandense, revelou o seguinte processo:

Escolas Estaduais	Ano/Implementação	Série	Nº aulas semanais
E.E. Uberlândia	1992	3ª	1
E.E. Prof. José I. de Souza	1990	1ª	1
E.E. Inácio Paes Leme	1992	3ª	2
E.E. Guiomar de F. Costa	1992	3ª	1
E.E. Segismundo Pereira	1992	3ª	2

Em relação às habilitações, constatou-se neste levantamento que as cinco escolas escolhidas para a pesquisa, tinham em abril de 1993, no ensino da Filosofia, sete professores com as seguintes habilitações:

Habilitação	Nº de professores
Filosofia	01
Pedagogia	02
História	02
Serviço Social	01
Psicologia	01
TOTAL	07 (sete)

Objetivando constatar os conteúdos e metodologias utilizados na prática cotidiana do ensino da Filosofia, e face à impossibilidade observada no contato com os professores dessa disciplina, compreendeu-se que os diários de classe, pelo seu caráter metódico, descritivo e oficial, seriam um bom objeto de pesquisa.

OS DIÁRIOS DE CLASSE

A análise dos diários de classe revelou que há, sobretudo, três diferentes perspectivas fundamentando o ensino da Filosofia no Ensino Médio: a romântica, a enciclopédica e a "crítica". Tais perspectivas optam por diferentes conteúdos, assim como por seus respectivos métodos de ensino.

Denominou-se de "romântica" a perspectiva na qual o professor faz uma leitura dos fenômenos da realidade em sua imediaticidade de existência, radicada em sua espontaneidade natural.

Essa leitura leva o aluno a identificar Filosofia com a experiência imediata da vida.

Observa-se, neste discurso, uma certa nostalgia em relação à subjetividade perdida com o desenvolvimento tecnológico e científico. A ciência, deste modo interpretada, torna-se a responsável pelos males que afligem os seres humanos, porque, em nome da objetividade, os robotiza, os aliena, os desumaniza. Negá-la é resgatar o papel irreverente do sujeito livre e espontâneo, envolvido pela força dos sentimentos.

Na prática, essa perspectiva se manifesta através da utilização e construção de músicas, poesias, contos, interpretações teatrais e muitas outras atividades em sala de aula ou em outros espaços. Não estão essas atividades no bojo de uma proposta metodológica de repasse de um determinado conteúdo. A atividade tem aí um fim em si mesma, como atitude de auto-contemplação do sujeito, como culto da subjetividade. Uma professora entrevistada comentou:

"Muito mais importante que memorizar conteúdos é o aluno aprender a vislumbrar a beleza da vida.. (..) Na avaliação eu pedi que respondessem com suas próprias palavras. Um aluno recusou-se a responder as questões e fez um poema oferecido

a minha pessoa. Lembro-me que o poema falava de alguém redescobrimo um sentido para a vida... Achei que ele entendeu a mensagem da Filosofia e dei nota integral."

Não se trata, em absoluto, de colocar em dúvida a beleza de um poema, de uma música etc., mas de aceitá-los como instrumentos através dos quais se transmite ou se possibilita o contato com conteúdos específicos da Filosofia, assim como através dos quais se avalia o domínio desses conteúdos.

A análise dos diários e os eventuais esclarecimentos dos professores (responsáveis por estes diários), quando da presença destes profissionais, ilustraram e comprovaram que os defensores da perspectiva "romântica" consideram "complexos, racionais e sisudos" os conteúdos da História da Filosofia. Exigir do aluno um contato com essa produção seria algo insensato. Dizem eles: "o aluno precisa é aprender a filosofar..."

Filosofar, nesse sentido, é proferir belas frases, resgatar a emoção e o sentimento que a cultura científica e tecnicista destruiu. Crêem que a impessoalidade presente nos conteúdos das disciplinas científicas é, nessa perspectiva, superada. Também são desprezados os conteúdos clássicos da História da Filosofia.

Os professores, assim inspirados, não utilizam um livro didático como referência para suas aulas. As expectativas do cotidiano definem os temas que serão trabalhados.

Observou-se que tal perspectiva resvala para o espontaneísmo pela sua ênfase no subjetivismo e pela falta de um projeto específico. Assim, não se impõe como proposta séria ao lhe faltar critérios, métodos e rigor teóricos. Portanto, a perspectiva "romântica" se mostra inadequada aos propósitos de se definir um conteúdo específico para a Filosofia.

Já a segunda perspectiva observada nos diários de classe, aqui denominada de "enciclopédica", é aquela que dá um enfoque geral e, conseqüentemente, superficial dos principais temas do pensar filosófico. Esta perspectiva inspira-se na idéia de totalidade filosófica como sendo o agrupamento das contribuições, das obras, de todos os filósofos, ao longo da História da Filosofia.

O professor de Filosofia, nessa perspectiva, colhe em diferentes livros didáticos os temas que serão abordados em sala de aula. Segundo o testemunho de professores entrevistados, algumas vezes são escolhidos apenas aqueles temas de domínio por parte do professor, outras vezes utiliza-se o critério da expectativa dos alunos.

Entende-se, portanto, por interpretação enciclopédica da Filosofia a descrição formal dos temas, sem situá-los num trajeto específico,¹ como a moral, os valores, o conhecimento etc., e, sobretudo, sem relacioná-los com o contexto mais amplo, ou seja, com a realidade social que os caracteriza e é caracterizada por eles.

Num dos diários analisados, observou-se que o tema “Cultura” da Antropologia Filosófica dá lugar ao tema “O que é Filosofia” no enfoque etimológico. Em seguida, introduz-se a “Mitologia” com sub-temas que ilustram um enfoque novamente antropológico. O quarto tema é a “Moral” através da discussão ética. O quinto tema é a Teoria do Conhecimento, através do enfoque epistemológico. O sexto tema é a “Política” e por último e Axiologia no estudo sobre os valores.

A preocupação didática da perspectiva enciclopédica, que assim divide e ordena esses temas, contribui para que se perca de vista que eles são conteúdos de trajetos específicos diferentes: temas da Ética, da Antropologia Filosófica, da Teoria do Conhecimento, da Política, da Axiologia etc.

Entretanto, é necessária a escolha de um dos trajetos específicos, por se estar consciente de que sua compreensão só é possível na relação com os demais e mediando a elaboração da totalidade.

A perspectiva enciclopédica está, portanto, marcada pela influência do Conteudismo e do Espontaneísmo. Inspira-se no primeiro, quando propõe um estudo de temas da História da Filosofia fragmentado e sem amarração lógica. Inspira-se no segundo, quando foge a um projeto que oportunizaria um estudo determinado e prefere uma coletânea arbitrária de temas.

1. Quando se faz um recorte no estudo dos temas filosóficos e opta-se, por exemplo, por estudar a Moral em Platão, Aristóteles, Tomás de Aquino, Descartes, Marx e Nietzsche, assim como em outros filósofos, optou-se por um trajeto específico dentro do pensamento filosófico. Portanto, trajeto específico é o percurso que foi priorizado para a análise de um objeto do pensar filosófico.

Assim sendo, considera-se inadequada esta perspectiva porque a escolha eclética de temas nega aspectos fundamentais da reflexão filosófica: o caráter histórico do tema e seu contexto que implica sua relação com temas de outro trajeto e com a totalidade do real.

A terceira perspectiva de conteúdo e metodologia constatada na pesquisa é a “crítica”. É assim denominada porque considera a criticidade um critério suficiente para classificar como filosófica qualquer reflexão que supere os argumentos do senso comum.²

Entretanto, aqui a crítica não tem um caráter metódico, sistemático e construtivo frente ao objeto criticado. Pelo contrário, a crítica, nessa perspectiva, tem um fim em si mesma, não identificando nela quaisquer pretensões teleológicas. Um professor “crítico” fez o seguinte comentário:

“No 2º grau, a Filosofia precisa é ensinar esses alunos a ter uma Consciência Crítica. Os conteúdos da História da Filosofia eles conhecerão no Curso Superior. Aqui, nossa tarefa é politizá-los”.

Observa-se, pelo comentário, que o objetivo está explícito, porém, o instrumento, o conteúdo que possibilitará a formação dessa “Consciência Crítica” não está em evidência. Deduz-se que isso não é importante para essa perspectiva. O dia-a-dia escolar, à luz das expectativas dos alunos, no momento adequado, definirá os temas...

As quase três décadas de Regime Militar, período da História da Sociedade Brasileira em que predominou o autoritarismo político e econômico, impuseram uma cultura de dominação que se caracterizou pela abolição dos direitos individuais. Eliminaram-se as liberdades de expressão e as manifestações políticas e instituiu-se o doutrinamento ideológico típico dos regimes totalitários desse século.

Objetivando criticar essa cultura de dominação, muitas disciplinas escolares, ao invés de utilizarem seus conteúdos como instrumentos para a crítica, abriram mão de seus temas específicos, perdendo sua identidade

2. Por senso comum compreende-se a elaboração da realidade que se limita aos fatos imediatos e sua imediata compreensão ou à interpretação herdada pelos costumes e tradição.

temática, e empunharam a “crítica espontaneísta”: a crítica pela crítica, indefinida e assistemática.

Essa postura não pode jamais ser considerada crítica porque não passa de um espontaneísmo grosseiro. Diz-se crítica porque contesta ou nega simplesmente. Porém o faz sem fundamentação e sem respaldo empírico. E, sobretudo, não é uma postura crítica porque não objetiva a superação e o avanço das questões.

Naturalmente que a Filosofia, após o Regime Militar, trouxe consigo o compromisso de contribuir na formação da consciência crítica. Entretanto, resvalou-se para duas posturas inadequadas. A primeira diz respeito à convicção de que é tarefa exclusiva da disciplina Filosofia estimular o raciocínio crítico. Esta postura, na prática, retira das demais disciplinas o compromisso delas com a formação da consciência crítica.

A outra postura inadequada caracteriza-se pelo desprezo para com os conteúdos da História da Filosofia. Os temas filosóficos são colhidos no fenômeno cotidiano e não há, nessa postura, uma devida abordagem histórica desse fenômeno. Ora, na imediaticidade como a realidade se manifesta à consciência, a ausência de uma análise que contemple os fenômenos parciais e sua historicidade rumo à compreensão da totalidade concreta demonstra que esta postura é inviável didática e filosoficamente.

Os protagonistas da perspectiva que se diz “crítica”, ao desprezarem os conteúdos da História da Filosofia, estão, na realidade, desprezando a oportunidade de conferirem às suas críticas radicalidade e rigor. Radicalidade, porque os conteúdos possibilitam uma visão profunda, histórica e abrangente do fenômeno estudado; rigor, porque os conteúdos conferem às críticas sistematização.

Constatou-se, nos diários, que temas tais como: “A miséria em Uberlândia”; “a prostituição de menores”; “a violência urbana”; “o amor”; “a Aids” etc., foram apresentados como conteúdos da disciplina Filosofia. De fato, um filósofo tem sua interpretação desses temas, porém, não são conteúdos específicos da Filosofia. Uma investigação filosófica desses temas carecerá de pressupostos teóricos inerentes à Sociologia, à Antropologia e à Psicologia. Não é uma questão de competência, mas de especificidade temática.

A prática de ensino da perspectiva “crítica” deixa os alunos abandonados nas suas críticas, sem as ferramentas que possibilitariam análises filosóficas. As ferramentas são os conteúdos especificamente filosóficos. Caracteriza-se, pois como prática espontaneísta.

Conclui-se que as perspectivas “romântica” e “crítica” caracterizam o que chamamos de espontaneísmo pela imprevisibilidade e indefinição de conteúdos para a disciplina Filosofia. Quanto à perspectiva enciclopédica, pelo seu caráter eclético, oscila entre o espontaneísmo e o conteudismo porque escolhe conteúdos da História da Filosofia, mas ao sabor da expectativa dos alunos ou do domínio teórico do professor. Conclui-se, ainda, que as observações e análises dos diários de classe apontam no sentido da permanência de um impasse de conteúdo no ensino da Filosofia, no Ensino Médio.